

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

SISTEMA ECONÔMICO DAS ECOVILAS SOB ABORDAGEM DA ECONOMIA SOCIAL ECONOMIC SYSTEM OF ECOVILLAGE: APPROACH OF SOCIAL ECONOMY

André Rosmaninho Costa

*Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e
Meio Ambiente*

androsmaninho@hotmail.com

RESUMO

Considerado um arranjo sustentável emergente, o movimento das ecovilas tem conquistado cada vez mais a atenção da mídia e sociedade civil para um clamor de preservação dos ecossistemas e meios menos predatórios e exploratórios da vida e convívio social. Neste sentido, procurou-se pontuar os principais acontecimentos para a consolidação da economia social, comunitária e solidária dentro do contexto sul americano, além de evidenciar as características econômicas das ecovilas como oriundas da economia social, conforme definida por Irion (1997). O objetivo do artigo é relacionar as economias denominadas de capital, de Estado e social, com as principais características econômicas das ecovilas. Para tal, partiu-se dos principais pontos norteadores para a classificação dos tipos de economia acima mencionado, em uma ferramenta de análise já existente, a fim de aprofundar a análise econômica das ecovilas, até então visto como um arranjo sócio-econômico emergente, carecendo portanto de trabalhos que abordem esse viés.

Palavras-chave: ecovilas; economia social; arranjo sócio-econômico emergente.

ABSTRACT

Considered an emergent sustainable arrangement, the ecovillage's movement has been conquered a progressive attention from media and society for a clamor of ecosystems' preservation and less predatory and exploratory ways of life and social relationship. In this sense, it was pointed the main events for the

consolidation of the social economy, communitarian and solidarity, under the South American context, and bespeak the economical characteristics of the ecovillages as arising from the social economy, as defined by Irion (1997). The purpose of the article it is to relate the designated economies of capital, from State and social, with the main economical characteristics from Ecovillages. For such relation, started from the main guiding points for the classification of the economy types mentioned above, under an already existing tool, trying to deepen the economical analysis of the ecovillages, seen as an emergent sustainable arrangement, therefore needed of works to address this bias.

Key-words: Ecovillages; social economy; emergent social-economical arrangement.

INTRODUÇÃO

O termo ecovila é relativamente novo. Datam de 1991 as primeiras incursões acerca desta conceituação, mencionada entre os estudos de Gilman (1991), em um relatório denominado “Ecovilas e Comunidades Sustentáveis: Um relatório para Gaia Trust elaborado pelo instituto *In Context*”. Como marco para a melhor conceituação do termo, em 1995, ocorre um encontro de comunidades sustentáveis, na Fundação Findhorn, Escócia. Dentro das diversas atividades desenvolvidas na ocasião, criou-se a Rede Global de Ecovilas (GEN – Global Ecovillages Network), no sentido de concatenar as ações dessas comunidades para a extensão e divulgação de práticas sustentáveis ao redor do globo. Com esta medida, em 1998, “as ecovilas Cristal Waters, da Austrália, Lebensgarten, da Alemanha, e Findhorn, da Escócia, foram consideradas oficialmente pela ONU como ‘modelos de excelência de vida sustentável’” (SANTOS Jr., 2006: p.9).

As ecovilas podem ser ainda definidas em um conceito mais enxuto, de acordo com a definição de SOARES:

Uma ecovila é um assentamento completo de proporções humanas manejáveis que integram atividades humanas no ambiente natural sem degradação e auxiliando a saúde do desenvolvimento humano saudável em um caminho contínuo e permanente (2002 apud BISSOLOTTI; et. al., 2006, p.1.).

Inserido no contexto definido pela ONU como um modelo de vida sustentável, logicamente que a característica econômica ocupa posição preponderante no trilhar de vias mais sustentáveis de vida. Segundo Jackson et. al. (2002), duas são as características elementares no desenvolvimento de uma economia alternativa à atualmente vigente, que são: a aceitação por parte dos moradores das ecovilas na redução de seu padrão de consumo materialista e a dedicação não-exclusiva às atividades remuneradas que não estão ligados ao desenvolvimento e bem estar da ecovila e seus moradores. Basicamente,

segundo a autora, as ecovilas com maior grau de maturidade na verdade estudam e desenvolvem projetos de geração de renda mesmo na sociedade industrial, porém de escala local, contendo modelos alternativos organizacionais (como por exemplo, as cooperativas) e fundamentalmente calcados em princípios humanistas e ecologistas. Uma maneira de garantir estes princípios são as freqüentes associações de produtos e projetos com os ditos “selos verdes”, provendo assim maior autenticidade aos preceitos comumente arraigados na visão da organização.

Ao mesmo tempo, na proposição de uma alternativa á sistemática exploratória (tanto humana quanto dos ecossistemas) dos arranjos econômicos capitalistas vigentes, gerando, entre outras características, o acúmulo de riquezas e a exclusão social; membros da sociedade civil organizada, ONGs e o Estado procuram, por meio de ações de inclusão social e econômica, se firmar nas experiências de economia solidária como um viés possível para o desenvolvimento saudável e sustentado da economia, combatendo assim o desfalecimento das relações de trabalho, sua precarização (ICAZA, 2002) e possibilitando a oportunidade de que outros atores venham a se beneficiar de um movimento cíclico e de realimentação, em uma experiência vívida de socialização de riqueza e poder. Prova disso, o crescimento dos setores públicos Não-Estatais, em escala mundial, demonstram a legitimização do movimento sociais que anseiam por maior representatividade dentro dos setores produtivos, de gestão participativa no contexto público local, controle atuante nas políticas públicas, cooperativismo no âmbito urbano e rural, além da autogestão dos trabalhadores dentro das organizações, entre outros (GOMES, et. al., 2001).

Dentro deste escopo, procurou-se pontuar os principais acontecimentos para a consolidação da economia social, comunitária e solidária dentro do contexto sul americano, além de evidenciar as características econômicas das ecovilas como oriundas da economia social, conforme definida por Irion (1997). O objetivo do artigo é relacionar as economias denominadas de capital, de Estado e social, com as principais características econômicas das ecovilas. Para tal, partiu-se dos principais pontos norteadores para a classificação dos tipos de economia existentes, mencionado por Irion (1997), a fim de aprofundar a análise econômica das ecovilas, até então visto como um arranjo sócio-econômico emergente, em uma ferramenta de análise já existente. A correlação foi realizada partindo-se das abordagens teóricas por meio de uma pesquisa exploratória e descritiva.

Ecovilas e seus modelos econômicos

Segundo descrição de Komoch (2002), é rica a experiência econômica na comunidade de Lebensgarten, na Alemanha, que possuiu cerca de 70 membros. Destes, cerca de trinta por cento trabalham nos ditos “empregos comuns”, porém, para o resto da comunidade, os cursos de educação e saúde ganham papel de destaque na geração de renda desta comunidade. Além destes, podemos citar: clínica de reabilitação, escritórios de arquitetura, uma cooperativa alimentícia, duas clínicas de cura natural e uma de psicoterapia, uma joalheria, uma padaria, entre outros.

Jackson et. al. (2002) relaciona as maiores fontes de renda das ecovilas, baseadas em suas vastas experiências neste sentido. As de maior destaque são as de cunho educacional, atuando como importante

difusor de técnicas e tecnologias vinculadas à sustentabilidade. Visto que a grande maioria das ecovilas já passou e experimentou diversas situações voltadas à sustentabilidade, além do crescente interesse da sociedade civil sobre os impactos humanos no planeta, esta forma apresenta-se como a principal fonte de renda de diversas ecovilas e comunidades. Outra atividade que pode perfeitamente ajustar-se ao conceito de sustentabilidade das iniciativas econômicas alternativas existentes nessa realidade, é o turismo envolvendo as ecovilas. Em 2001, foi desenvolvido na Itália um projeto chamado *Ecovillage Travels* que, fundindo-se com a abordagem educacional, pois o turista aproveita a oportunidade para trabalhar na ecovila, desenvolvendo vivências e experiências, a comunidade pode usufruir de uma renda extraordinária na hospedagem, alimentação e serviços. Além disso, a comercialização dos excedentes relativos à produção e manuseio de alimentos, essencialmente orgânicos, fornece à ecovila a possibilidade de gerar renda para a manutenção das necessidades da comunidade.

Algumas ecovilas, por já possuírem um sistema monetário/econômico singular, até certo ponto se protegem de oscilações de cunho especulativo dentro do mercado financeiro, principalmente quando adotam uma moeda diferenciada, como no caso do *crédito*, na ecovila de Damanhur, na Itália. Em lugares de grande circulação de pessoas, foram instaladas máquinas de troca de Euro para créditos, evitando assim exposições de ações articuladas visando à manutenção do *status quo*.

De acordo com Bang (2005, p. 201)

Hoje a economia financeira é centena de vezes maior em comparação com a economia natural e tem se desprendido cada vez mais da natureza. Tem crescido em muito mais vezes que o ciclo da economia natural pode suportar. Isto cria um valor ilusório, assim como os lucros a curto-prazo tornam-se a prioridade dos fundos de pensão, companhias de seguro e investimentos de capital. Atualmente existe uma tendência de companhias de sucesso que são altamente produtivas para fechar suas unidades de produção para concentrar-se unicamente em finanças. No escopo da economia abstrata isto pode ser extremamente rentável, mas eles têm movido realidades concretas em um mundo de fantasia, o mundo invisível da economia financeira.

Portanto, ainda sobre o tema relativo às manobras especulativas do capital, se advoga também que a chamada “economia financeira” necessita de uma espécie de “lastro natural” para legitimar sua capacidade de geração de bem estar e promoção da qualidade de vida da população.

Dauncey (2004) afirma que uma vila tradicional, nos moldes gerais que se apresentam dentro da sociedade capitalista organizada, tem um centro comercial com negócios e compras. Segundo uma experiência no Canadá, chamada Bamberton, que consiste em um projeto em implantação de uma vila específica projetada para 12.000 pessoas, continha no projeto a construção de três centros comerciais e uma região central e, similarmente às cidades urbanas que possuam o mínimo de planejamento, áreas

separadas destinadas a atividades “eco-industriais” onde, em certa medida, poderiam dividir recursos, energia e o mesmo sistema de manejo de dejetos. Nesta comunidade, foi instituído o “código de negócios Bamberton”, um acordo voluntário atestando que cada “sócio” administre seu negócio da maneira mais ambientalmente responsável possível. Segundo o autor, para haver vida responsável a perene, deve-se reconfigurar nossos negócios, nossa produção, compras e venda, para fazê-lo de forma harmoniosa com a natureza.

A economia social e as convergências com o movimento de ecovilas

A partir dos estudos de DeMeulenaere (2000), podem-se perceber similaridades entre os modelos econômicos utilizados e/ou preconizados nas ecovilas pesquisadas, e os movimentos de socioeconomia popular e desenvolvimento comunitário, que segundo o autor, tem tomado força representativa nos países como o Japão, Tailândia, Senegal, México, El Salvador, Peru, Equador, Colômbia, Brasil, Uruguai e Argentina. Especialmente neste último, o partir do surgimento de *mercados de trueque* e de moedas alternativas é que, em certa medida, fomentaram o desenvolvimento regional e auto-suficiência, com o ambicioso objetivo de criar uma sociedade sustentável no país. Entre os pilares do movimento, além do aumento da confiança entre os membros participantes, troca de habilidades e não predileção para o desejo de obter vantagem pessoal sobre o sistema, alguns merecem destaque por apresentar de forma cabal similitudes relacionadas ao movimento de ecovilas, tanto em seu viés econômico como no cerne da missão e a visão do mesmo. Um deles é a crença na idéia de progresso calcada sob apoio conjunto sustentável envolvendo todas as esferas sociais. Outro ponto a ser destacado, é o compromisso entre os membros das feiras que as ações, produtos e serviços oferecidos priorizam á apreciação ecológica e ética dentro do processo de comercialização, avesso a consumismos e lucros em curto prazo. Apenas para transcrever o vulto deste movimento na Argentina, por exemplo, considera Búrigo (2002, p. 17)

Em 1999, os clubes de trocas argentinos já movimentavam em torno de quatrocentos mil dólares anuais. No final de 2000, o número de clubes de trocas argentino ultrapassava setecentos e envolvia mais de quatrocentas mil pessoas. Em dezembro de 2000, o governo federal argentino, reconhecendo a sua importância social, declarou os clubes de trocas como organismos de utilidade pública.

Destacam-se como importante nos estudos do autor, também outras características experimentadas no escopo das ecovilas e comunidades sustentáveis. Dentre os elementares, está o não estabelecimento de hierarquização e, através da convivência entre os membros, o despertar de um sentimento de pertencimento ao meio e ao entorno.

Irion (1997) enfatiza de maneira didática as principais características da economia social, no qual confirma a cronologia da realidade sul americana descrita acima. Porém se percebe, ao incluir as características das ecovilas, algumas dissonâncias, porém com relativa convergência conceitual.

Percebe-se que, mesmo com algumas diferenças, o movimento de ecovilas resgata muito mais os preceitos da Economia Social do que propriamente o modelo capitalista corrente, como analisaremos os principais pontos, a seguir.

Na primeira característica descrita no quadro 1, em que se foca o objetivo principal das organizações, a ecovila é a única que discrimina de forma clara os preceitos ecologistas e ambientais por trás da iniciativa. Desta forma, se pode afirmar que uma ecovila só é entendida como tal se estiver consonante com compromissos de cunho preservacionista com relação ao meio ambiente e conscientização para formas menos predatórias de vida e de consumo.

CARAC.	ECONOMIA DE CAPITAL	ECONOMIA DE ESTADO	ECONOMIA SOCIAL	ECOVILAS
Objetivo	Econômico	Econômico e Social	Econômico e Social	Ecológico e Social
Propriedade dos meios de produção	Privada e particular	Pública	Privada e/ou coletiva, privada e particular	Coletiva e Particular
Iniciativa de organização	Livre	Centralizado	Livre	Livre
Planejamento da produção	Descentralizado	Centralizado	Descentralizado	Centralizado (decisão conjunta)
Competição no mercado	Sim	Não	Sim	Não
Força motriz	Bem-estar individual	Bem-estar coletivo	Bem estar coletivo	Bem estar coletivo
Lucro	Sim	Não	Não	Não
Poder de decisão	Do capital	Do Estado	Do indivíduo	Da coletividade
Relação de produção	O capital arrenda o trabalho	O Estado arrenda o	O trabalho arrenda o capital	Trabalho parcial para

		trabalho		capital de manutenção
--	--	----------	--	-----------------------

Fonte: IRION (1997), modificado pelo autor.

Quadro 1 – Características principais de quatro formas de organização de processo produtivo

As ecovilas não são entendidas como um organismo de produção de bens propriamente dito, porém, como citado anteriormente, usualmente um produtor de conhecimento e serviços. Nesse sentido, relativo á propriedade dos meios de produção mencionado no quadro 1, a propriedade (nesse caso, a intelectual) pertence ao indivíduo exclusivamente. Porém, como resultado de experiências práticas vividas em grupo, a coletividade também usufrui e compartilha dessa “propriedade de produção intelectual” para prover um arcabouço de conhecimento denso, de modo que seja atrativo para o público consumidor deste serviço. Portanto, as propriedades dos meios produtivos, entre outras atividades correlatas, são de propriedade particular e coletiva, simultaneamente.

No quesito de relação da produção, as ecovilas divergem das outras categorias organizativas citadas justamente porque o objetivo maior da ecovila ajusta-se muito mais aos princípios ecológicos do que em comparação com os princípios econômicos, ou até mesmo sociais. Realmente, como citado anteriormente, o objetivo maior da ecovila seria a divulgação e o compromisso com a preservação ambiental e promoção da qualidade de vida da população e do planeta, concedendo assim um estilo de vida perene e não pernicioso às futuras gerações. Deste modo, o capital assume papel secundário no contexto da ecovila que, aliado ao conceito de diminuição dos padrões de consumo testemunhados atualmente, relegam a relação de capital x trabalho a um plano menos importante para a discussão deste tópico.

Principalmente com relação aos processos decisórios relacionados no quadro 1 (planejamento da produção e poder de decisão), vale ressaltar os primórdios do movimento das ecovilas no mundo, no qual se iniciou da maneira de *co-housing* visado uma integração maior com os integrantes envolvidos, de maneira que favorecia o bom relacionamento e a não-interferência de escalas hierárquicas dentro da comunidade, como cita (DAWSON, 2004, apud RAINHO, 2006, p. 42):

- as residências devem estar agrupadas em torno da casa comunitária (*commom house*). Nesta se encontram cozinha central, sala para as refeições comunitárias, sala de estar, sala de jogos, salas multifuncionais, espaço para as crianças brincarem e lavanderia;
- cada família tem sua própria residência com todos os ambientes pertinentes inclusive uma cozinha privativa;
- a administração da *co-housing* é feita pelos próprios moradores, e os que trabalham fora da comunidade a sustentam financeiramente. Não há hierarquização: todos são iguais (grifo nosso);

Deste modo, mesmo as ecovilas tendo como pano de fundo o apelo ambiental, o processo coletivo assume papel importantíssimo dentro do que se conhece como arranjos econômicos viáveis, proporcionando assim uma relação mais próxima com os atores envolvidos e promovendo a socialização das atividades da comunidade, não só no sentido econômico, mas em um âmbito de governança e cooperação entre os membros.

CONCLUSÕES

Como se pretendeu demonstrar, o movimento das ecovilas e comunidades sustentáveis apresentam uma nova proposição de vida em sociedade atualmente, com um enfoque mais centrado nas relações com o meio e o impacto da vida humana no seu contexto, de outros seres e do planeta como um todo. A princípio, pelo levantamento preliminar realizado, esta nova proposição também inclui a parcela econômica de toda a mudança (já em curso, segundo alguns autores) proposta pelo estilo ecovila de viver. Entretanto, percebe-se que, como ponto zero de pesquisa para a formulação destas novas práticas, bem como as bem sucedidas medidas ao longo do tempo, tomou como arcabouço principal e economia solidária. Ainda assim, constatou-se que existem adaptações ao conceito e, como um movimento já consolidado mundialmente, inclusive por organismos de reconhecimento transnacional, as ecovilas merecem destaque na discussão científica acerca de formas econômicas alternativas à atualmente vigente.

REFERÊNCIAS

BANG, J. M. **Ecovillages: A Practical Guide to Sustainable Communities**, New Society Publishers, U.K. 2005.

BISSOLOTI, P.M.A., SANTIAGO, A.G., OLIVEIRA, R. Sustainability evaluation in Ecovillages. **PLEA2006**. Genebra, n.23, p.6-8. 2006.

BÚRIGO, F. L. **Moeda Social e a circulação das riquezas na economia solidária**. Rede Commodities Ambientais, Chapecó, 2002.

DAUNCEY, G. LEEDing the way. **Alternatives Journal**. 30.5 p.10-11, 2004.

DeMEULENAERE, S. Reinventing the market: Alternative currencies and community development in Argentina. **International Journal of Community Currency Research**, Summerland, Canadá, v.4, p.1-4. 2000.

GOMES, R.; MANCE, E.A. **Construindo a Sócioeconomia Popular e Solidária no Brasil**. 2001.

Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/>>. Acesso em: 20 junho 2009.

GILMAN, R.; GILMAN D. **Ecovillages and Sustainable Communities: A Report for Gaia Trust**, Gaia Trust, Dinamarca, 1991.

ICAZA, A. M. S. Economía solidária, prácticas cooperativas y desarrollo local em el sur de Brasil. **Revista de Economía Pública, Social y Cooperativa**, CIRIEC, Espanha, n.43, p.41-59. 2002

IRION, J. E. **Cooperativismo e Economia Social – A prática do cooperativismo como alternativa para uma economia centrada no trabalho e no homem**. 1997, Editora STS, São Paulo, SP.

JACKSON, H., SVENSSON, K. **Ecovillage living – Restoring the Earth and her people**. Devon: Green Books, 2002.

KOMOCH, A. **Business at Lebensgarten Ecovillage** em JACKSON, H., SVENSSON, K. **Ecovillage living – Restoring the Earth and her people**. Devon: Green Books, p. 69-71, 2002.

RAINHO, L. C. S. **As tecnologias ambientais nas ecovilas: um exemplo de gestão da água**. 2006. 314 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS Jr., S. J. **Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo**. **Anais do III Encontro da ANPPAS**, Brasília, Maio, 2006.